

# O QUE *é a* TRINDADE?

R.C. SPROUL

QUESTÕES CRUCIAIS

No. 10

QUESTÕES CRUCIAIS
Nº 10

# O QUE *É A* TRINDADE?

R.C. SPROUL

FIEL Editora

O que é a Trindade?
Traduzido do original em inglês
What is the Trinity?, por R. C. Sproul
Copyright © 2010 by R. C. Sproul

●

Publicado por Reformation Trust Publishing a division of Ligonier Ministries
400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2012 Editora FIEL.

1ª Edição em Português 2013

●

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por*
*Editora Fiel da Missão Evangélica Literária*
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

●

Diretor: James Richard Denham III.
Presidente emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Francisco Wellington Ferreira
Revisão: Elaine Regina Oliveira dos Santos
Diagramação: Rubner Durais
Capa: Gearbox Studios
Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-244-5




Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

# Sumário

Um – Monoteísmo

Dois – O Testemunho Bíblico

Três – Controvérsias no Início da Igreja

Quatro – Um em Essência, Três em Pessoa

Cinco – Objeções à doutrina



Capítulo Um

# Monoteísmo

O conceito da Trindade surgiu como um critério da verdade, um artigo de fé inegociável do cristianismo ortodoxo. Mas tem sido uma fonte de controvérsia em toda a história da igreja. Até hoje, há confusão sobre este conceito, e muitas pessoas o entendem incorretamente, de maneiras bastante sérias.

Algumas pessoas acham que a doutrina da Trindade significa que os cristãos crêm em três deuses. Esta é a ideia de triteísmo, que a igreja rejeitou categoricamente no decorrer de sua história. Outros vêm a Trindade como um refúgio na contradição. Por exemplo, certa vez tive uma conversa com um homem que tinha PhD em Filosofia e se opunha ao cristianismo, com base no fato de que a doutrina da Trindade representava uma contradição evidente – a ideia de que um pode também ser três – no âmago da fé cristã. Aparentemente, este professor de filosofia não conhecia bem a lei da não contradição. Esta lei afirma: "A

não pode ser A e não-A ao mesmo tempo e no mesmo relacionamento". Quando confessamos nossa fé na Trindade, afirmamos que Deus é um em essência e três em pessoa. Portanto, Deus é um em A e três em B. Se disséssemos que ele é um em essência e três em essência, isso seria uma contradição. Se disséssemos que ele é um em pessoa e três em pessoa, isso também seria uma contradição. Mas, por mais misteriosa que seja a Trindade, talvez muito acima e muito além de nossa capacidade de compreendê-la em sua plenitude, a fórmula histórica não é uma contradição.

Antes de podermos falar sobre a Trindade, temos de falar sobre unidade, porque a palavra Trindade significa "triunidade". Por trás do conceito de unidade, está a afirmação bíblica do monoteísmo. O prefixo *mono* significa "um ou único", enquanto o sufixo *teísmo* está relacionado a Deus. Portanto, *monoteísmo* transmite a ideia de que há somente um Deus.

## A EVOLUÇÃO DAS RELIGIÕES

O fato de que Bíblia é uniformemente monoteísta foi questionado nos campos da religião e da filosofia durante o século XIX. Um dos filósofos mais predominantes no século XIX foi Friedrich Hegel. Ele desenvolveu uma história de filosofia complexa e especulativa, que tinha em seu âmago um conceito de desenvolvimento ou evolução histórica. No século XIX, os filósofos se preocupavam com o conceito de evolução, mas não apenas no que diz respeito à biologia. *Evolução* se tornou quase um chavão técnico no mundo acadêmico e na comunidade científica, e foi aplicada não somente ao desenvolvimento de coisas vivas, mas também a instituições políticas. Por exemplo, o chamado darwinismo social entendia a história humana como o progresso de civilizações.

Os seguidores de Hegel também aplicaram estas ideias evolucionárias ao desenvolvimento de conceitos religiosos. Eles agiram com esta suposição: todas as esferas da criação, incluindo a religião, seguem o

padrão de evolução que vemos no âmbito biológico, que é a evolução do mais simples para o complexo. No caso da religião, isto significa que todas as religiões desenvolvidas evoluíram de uma simples forma de animismo. O termo *animismo* denota a ideia de que há almas, espíritos e personalidades viventes no que normalmente entendemos serem objetos inanimados ou não viventes, como rochas, árvores, totens, estátuas e assim por diante.

A ideia de que a religião primitiva era animista parece ser confirmada por estudiosos que examinaram culturas primitivas que sobreviveram até o presente. Os especialistas que foram até os cantos mais remotos do mundo e estudaram as religiões destas culturas, acharam que elas continham fortes elementos de animismo. Por isso, aceitou-se a suposição de que todas as religiões começaram com o animismo e evoluíram progressivamente.

Alguns eruditos acreditavam que o animismo podia ser achado nas primeiras páginas do Antigo Testamento. Citavam frequentemente o relato da Queda, porque Adão e Eva foram tentados por uma serpente que assumiu características pessoais (Gn 3). Ela podia raciocinar, falar e agir com volição. Críticos também se referiram à experiência de Balaão, cuja jumenta foi capacitada a falar (Nm 22). Eles diziam que isso mostrava que os escritores bíblicos acreditavam que havia um espírito na jumenta, assim como havia um espírito na serpente. Quando estudei no seminário, ouvi um professor dizer que o animismo foi praticado quando Abraão se encontrou com os anjos nos carvalhais de Manre (Gn 18). O professor disse que Abraão estava realmente conversando com os deuses nas árvores. No entanto, não há no texto a menor evidência de que Abraão estava engajado em algum tipo de animismo.

Aqueles que sustentam um ponto de vista evolucionário sobre a religião dizem que o próximo passo no processo é o politeísmo: muitos deuses. O politeísmo era comum nas culturas da antiguidade. A religião grega, a religião romana, a religião nórdica e muitas outras tinham um deus

ou uma deusa para quase toda função humana: um deus da fertilidade, um deus da sabedoria, um deus da beleza, um deus da guerra e assim por diante. Todos conhecemos bem esta ideia que aprendemos em nossos estudos de mitologias do mundo antigo. Em palavras simples, as pessoas acreditavam que existiam muitos deuses para servirem às várias funções da vida humana.

Depois do politeísmo, o próximo estágio do desenvolvimento religioso é chamado henoteísmo, que é um tipo de híbrido entre o monoteísmo e o politeísmo, um estágio transicional, por assim dizer. Henoteísmo é a crença em um único deus (o prefixo *hen* vem da palavra grega que significa "um", uma palavra diferente de *mono*), mas a ideia é que há um deus para cada povo ou nação, e cada deus reina sobre uma área geográfica específica. Por exemplo, o henoteísmo afirmaria que havia um deus para o povo judeu (Jeová), um deus para os filisteus (Dagom), um deus para os cananeus (Baal) e assim por diante. No entanto, este ponto de vista não propõe que havia um único Deus.

Pessoas henoteístas reconheciam que outras nações tinham seus próprios deuses e viam frequentemente as batalhas entre as nações como batalhas entre os deuses dos povos. Alguns estudiosos acham esta ideia no Antigo Testamento, porque muitos dos conflitos registrados ali são retratados como o Deus de Israel agindo contra Dagom, Baal e outros deuses pagãos; mas isso não significa que Israel era henoteísta.

### A BÍBLIA: MONOTEÍSTA DESDE O INÍCIO

Admitindo esta estrutura evolucionária, os críticos no século XIX desafiaram a ideia de que a Bíblia é consistentemente monoteísta. Houve um debate contínuo a respeito de quando o monoteísmo começou em Israel. Os mais conservadores desses críticos diziam que havia indícios de monoteísmo no tempo de Abraão. Outros diziam que ele não começou antes do tempo de Moisés. Alguns até rejeitavam a ideia de que Moisés

era um monoteísta, dizendo que o monoteísmo começou somente no tempo dos profetas, como Isaías, por volta do século VIII a.C. Alguns se mostraram ainda mais céticos, argumentando que o monoteísmo só começou depois do exílio na Babilônia, tornando-o um desenvolvimento mais recente na religião dos judeus. Por isso, os estudiosos ortodoxos têm batalhado, nos últimos cem anos ou mais, para defender a ideia da unidade de Deus nas Escrituras.

Os argumentos ortodoxos afirmam que o monoteísmo estava presente no próprio início da história bíblica. Lemos no primeiro versículo da Escritura: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". A narrativa da criação afirma que o Deus apresentado na primeira página do Pentateuco tem toda a criação sob o seu domínio, e não apenas os limites geográficos de Israel no Antigo Testamento. Deus é soberano sobre os céus e a terra, porque os criou por sua palavra de ordem.

Os críticos dizem frequentemente que nos primeiros capítulos da Escritura há uma oscilação entre os dois nomes de Deus. Numa ocasião, Deus é referido como Jeová ou Javé; noutra ocasião, ele é chamado de Eloim. Esse nome, Eloim, é interessante porque o sufixo *im* é a terminação plural do substantivo hebraico. Assim, o nome Eloim poderia ser traduzido por "deuses". Entretanto, embora o nome Eloim tenha uma terminação plural, ele sempre aparece com formas verbais do singular. Portanto, o autor estava dizendo algo que não poderia ser interpretado com o significado de "muitos deuses". Além disso, como já comentei, Deus é revelado no primeiro capítulo de Gênesis como aquele que é soberano sobre todas as coisas. Por essa razão, acho que aqueles que afirmam que o nome Eloim indica politeísmo estão se precipitando numa conclusão incorreta.

Quando chegamos a Êxodo 20, o relato da entrega da lei, vemos que o primeiro mandamento que Deus outorgou no Sinai era fortemente monoteísta: "Não terás outros deuses diante de mim" (v. 3). Alguns diriam que este versículo dá evidência de *henoteísmo*, porque Deus está deixando

subentendido que *há* outros deuses, e o mandamento declara que as pessoas não devem permitir que estes outros deuses o excedam em importância. Ele tem de ser a principal deidade na vida delas. Mas o hebraico indica que, quando Deus diz "diante de mim", ele está dizendo "em minha presença". É claro que sua presença está em todo lugar ao mesmo tempo; ele é onipresente. Portanto, ao dizer: "Não terás outros deuses diante de mim", Deus está basicamente afirmando que, quando uma pessoa adora qualquer coisa e não a ele, quer esta pessoa viva em Israel, em Canaã, na Filístia ou em algum outro lugar, essa pessoa se envolve num ato de idolatria, porque existe apenas um único Deus. O segundo mandamento reforça o primeiro, com a proibição abrangente de todas as formas de idolatria.

Depois, ainda no Pentateuco, achamos uma admirável afirmação do monoteísmo. Ela aparece na *Shema*, a antiga confissão de Israel quanto à sua crença em um único Deus: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR" (Dt 6.4).

Nos livros proféticos, vemos uma repreensão quase constante contra os falsos deuses das outras religiões. Os deuses não são vistos como deidades rivais, e sim como ídolos inúteis. Na verdade, os profetas faziam, caracteristicamente, pilhéria com as pessoas que adoram árvores, estátuas e outras coisas que elas haviam feito com as próprias mãos, como se um pedaço de madeira pudesse ser habitado por um ser inteligente. Eles zombavam consistentemente das ideias de animismo e politeísmo.

Estas afirmações de monoteísmo são uma dimensão surpreendente da fé do Antigo Testamento, por causa da raridade dessas afirmações no mundo antigo. A maioria das culturas do mundo antigo, das quais temos registros históricos, não era monoteísta. Alguns têm argumentado que os egípcios foram os primeiros monoteístas, por causa de sua adoração a Ra, o deus-sol, mas há uma singularidade no monoteísmo que era inata à fé do Antigo Testamento. A ideia de que há um único Deus foi estabelecida

firmemente na religião de Israel desde as primeiras páginas do Antigo Testamento. É precisamente por causa deste ensino claro do monoteísmo que a doutrina da Trindade é tão problemática. Quando chegamos ao Novo Testamento, achamos a igreja afirmando a noção do monoteísmo, mas também declarando que Deus, o Pai, é divino, que Deus, o Filho, é divino, e que Deus, o Espírito Santo, é divino. Temos de entender que as distinções na Divindade não se referem à sua essência; elas se referem a uma fragmentação ou categorização do próprio ser de Deus.

Então, como podemos manter a doutrina do monoteísmo no Antigo Testamento à luz da afirmação clara do Novo Testamento sobre o caráter trino do Deus da Bíblia? Certa vez, Agostinho escreveu: "O Novo [Testamento] está escondido no Antigo [Testamento]; o Antigo está revelado no Novo". Para entendermos como a doutrina da Trindade se tornou um artigo tão importante da fé cristã, precisamos saber que houve um desenvolvimento do entendimento da igreja, quanto à natureza de Deus baseada nas Escrituras. Quando examinamos as Escrituras, vemos o que na teologia chamamos de "revelação progressiva". É a ideia de que, à medida que o tempo passa, Deus revela mais e mais do seu plano de redenção. Ele outorga mais e mais de sua autorrevelação. O fato de que há este progresso na revelação não significa que Deus contradiz, no Novo Testamento, aquilo que revelou no Antigo Testamento. A revelação progressiva não é uma correção pela qual a última revelação de Deus corrige uma revelação anterior errônea. Pelo contrário, a nova revelação se fundamenta no que foi dito no passado, expandindo o que Deus já tornara conhecido.

Portanto, não vemos na primeira página da Escritura um ensino evidente da natureza trina de Deus. Há alusões deste ensino bem no início do Antigo Testamento, mas não temos informação plena sobre o caráter trinitário de Deus, no Antigo Testamento. Esta informação aparece mais tarde, no Novo Testamento; por isso, temos de seguir o desenvolvimento desta doutrina em toda a história da redenção, para percebermos o que a

Bíblia realmente diz sobre estas coisas.



Capítulo Dois

# O Testemunho Bíblico

Um das questões cruciais que os filósofos gregos tentaram resolver foi o problema "do um e dos muitos". Grande parte da filosofia grega primitiva foi dedicada a esta dificuldade. Os filósofos se perguntavam: como podemos dar sentido a tantas coisas que fazem parte de nossa experiência? Vivemos em um universo que é, em última análise, coerente ou caótico? A ciência, por exemplo, admite que, para termos conhecimento, precisa haver coerência, algum tipo de ordem nas coisas. Por isso, nosso trabalho de investigação científica pressupõe o que Carl Sagan chamou de "cosmos", e não caos. Isto significa que tem de haver algo que dá unidade a toda a diversidade que experimentamos no universo. De fato, a própria palavra *universo* combina os conceitos de unidade e diversidade – descreve um lugar de grande diversidade que, apesar disso, tem unidade.

Os filósofos gregos procuraram achar a fonte tanto da unidade como

da diversidade, de uma maneira coerente. Em minha opinião, eles nunca foram bem sucedidos nisso. Mas, na fé cristã, toda a diversidade acha sua unidade final no próprio Deus; e é significativo que no próprio ser de Deus achamos tanto unidade como diversidade. De fato, nele achamos a base essencial para a unidade e a diversidade. Nele achamos um ser em três pessoas.

Diferentemente dos gregos, temos uma fonte de autoridade para nossas crenças nesta esfera – as Escrituras. Neste capítulo, quero apresentar um resumo do ensino bíblico sobre a Trindade, começando com o Antigo Testamento e, seguindo o padrão de desdobramento da revelação, concluir com o Novo Testamento.

## ALUSÕES DISPERSAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Embora não achemos uma definição explícita da Trindade no Antigo Testamento, achamos alusões dispersas sobre a natureza trina de Deus. Tocamos numa dessas alusões no capítulo 1 – o nome de Deus que aparece na forma plural, Eloim. Os críticos vêm o uso desse nome como uma indicação de uma forma rude de politeísmo. Outros, porém, têm visto nesse nome plural, especialmente porque ele é acompanhado de um verbo no singular, uma referência oculta ao caráter plural de Deus.

Não acho que o nome Eloim aponta, necessariamente, para a Trindade. Podia ser apenas uma forma literária semelhante ao que chamamos de plural editorial, ou o "nós" editorial, que um escritor ou palestrante usa para comunicar um assunto. Este artifício é usado frequentemente por dignitários; um rei, um papa ou outra pessoa que ocupe um cargo elevado inicia seus comentários, por dizer: "Nós decretamos" ou: "Nós declaramos", embora a pessoa esteja falando apenas por si mesma. Mais especificamente, há um artifício literário hebraico chamado plural de intensidade, que chama a atenção para a profundeza do caráter de Deus, em quem residem todos os elementos de

deidade e majestade. Por isso, creio que o nome Eloim é compatível com a doutrina da Trindade e pode estar indicando nessa direção, mas o nome em si mesmo não exige a inferência de que Deus é trino em sua natureza.

Há outras alusões significativas sobre a Trindade no Antigo Testamento. É também no relato da criação que encontramos o Espírito de Deus (Gn 1.2). Por criar algo do nada, o Espírito satisfaz um dos critérios para a natureza da divindade, que são apresentados no Novo Testamento. Esta é outra alusão quanto ao caráter multipessoal de Deus, bem no início das Escrituras.

Outra alusão se acha na passagem do Antigo Testamento que é citada no Novo Testamento mais frequentemente do que qualquer outra passagem – o Salmo 110. Este salmo tem um começo muito estranho. O salmista diz: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (v. 1). Caracteristicamente, quando vemos o nome pessoal de Deus, *Jeová*, no Antigo Testamento, vemos também associado a ele o seu título principal ou supremo, *Adonai*. Por exemplo, o Salmo 8 diz: "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" (v. 1a). No hebraico, "Ó SENHOR, Senhor nosso" é "Ó Jeová, Adonai nosso". Há uma conexão clara entre Jeová e Adonai. Todavia, no Salmo 110, Deus está tendo uma conversa com o Senhor de Davi: "Disse o SENHOR [JEOVÁ] ao meu Senhor [Adonai]: Assenta-te à minha direita..." O Novo Testamento aborda este tema e fala de Jesus, simultaneamente, como o filho de Davi *e* o Senhor de Davi. Este salmo também provê outra indicação quanto à dimensão múltipla do ser de Deus, quando declara que o Filho de Deus será um sacerdote para sempre, um sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque (v. 4).

## O MONOTEÍSMO RECONHECIDO NO NOVO TESTAMENTO

Quando chegamos ao Novo Testamento, vemos que os conceitos do

monoteísmo estabelecidos tão firmemente no Antigo Testamento são, não somente reconhecidos, mas também repetidos diversas vezes. Quero mencionar alguns exemplos.

Atos 17 narra o discurso de Paulo aos filósofos no Areópago, na antiga cidade grega de Atenas. Lemos: "Então, Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos; porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO" (vv. 22-23a). Quando Paulo chegou a Atenas, observou que a cidade estava entregue à idolatria. Ele passou por vários templos e viu atividades religiosas por toda parte. Até notou, como se os gregos tivessem medo de esquecer alguma deidade, que eles tinham um altar com esta inscrição: "AO DEUS DESCONHECIDO". Quando Paulo viu tudo isso, o seu espírito se revoltou (v. 16). Em outras palavras, ele ficou perturbado a respeito da abundância de falsa religião.

Uma das coisas mais admiráveis com que me deparei em meu trabalho de graduação, nos anos 1960, foi a evidência que estava emergindo da obra de sociólogos e antropólogos teológicos, que investigavam os vários pontos de vista religiosos das tribos primitivas no mundo. Eles descobriram que, embora o animismo fosse prevalecente nessas culturas, as pessoas falavam frequentemente sobre um deus que havia no outro lado da montanha ou um deus que estava muito afastado deles. Em outras palavras, eles tinham um conceito de um deus superior que não estava no centro de suas práticas religiosas diárias. Este deus era como o deus desconhecido dos gregos, um deus com quem eles não tinham contato, mas que, apesar disso, estava lá.

Este conceito se conforma à declaração de Paulo, em Romanos 1, de que o Deus de todo o universo manifestou-se a si mesmo a todos (vv. 18-20). Isso significa que todo ser humano sabe da existência do Deus Altíssimo, mas o caráter pecaminoso da humanidade é tal que todos nós reprimimos e desprezamos esse conhecimento e, em lugar dele, preferimos

os ídolos. Essa é a razão por que todos somos considerados culpados diante de Deus.

Paulo continuou a falar, com base no altar dos gregos aos deus desconhecido, e disse:

> Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, se bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração. Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos (vv. 23b-31).

Neste discurso, Paulo afirma uma das doutrinas fundamentais do monoteísmo judaico – um único Deus que fez todas as coisas e de quem todas as coisas derivam.

### INDICAÇÕES DA TRIUNIDADE DE DEUS

Em 1 Coríntios 8, Paulo afirma novamente a unicidade de Deus, mas traz um novo elemento. No meio da discussão sobre a questão de comer alimentos que haviam sido oferecidos a ídolos, um problema pastoral que surgiu na igreja de Corinto, Paulo diz:

> No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber. Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido por ele. No tocante à comida sacrificada a ídolos, sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores, todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele.

O novo elemento que vemos nesta passagem é que Paulo atribui deidade a Cristo. Ele faz distinção entre o Pai e o Filho e comenta que todas as coisas são "do" Pai e "por meio de" Cristo e que existimos "para" o Pai e "por meio do" Filho. É evidente que Paulo está igualando o Pai e o Filho, em termos de divindade.

Há muitas passagens no Novo Testamento que atribuem deidade a Cristo e ao Espírito Santo, mais do que eu poderia citar neste capítulo e, na verdade, em todo este livro. Contudo, gostaria de fazer referência a algumas poucas destas passagens, para demonstrar que este ensino está presente no Novo Testamento e que não é obscuro.

No evangelho de João, Jesus faz diversas afirmações de "Eu sou": "Eu sou o pão da vida" (Jo 6.48); "Eu sou a porta das ovelhas" (Jo 10.7); "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6) e outras. Em cada uma destas afirmações, as palavras que o Novo Testamento grego usa para expressar "Eu sou" são *ego eimi*. Estas são as palavras com as quais o nome essencial de Deus, Jeová, é transliterado do hebraico para o grego. Ao aplicar esta linguagem para si mesmo, Jesus está se igualando a Deus.

Há ainda outra afirmação de "Eu sou" em João 8. Abraão era o grande patriarca de Israel, o pai dos fiéis, que era profundamente respeitado pela comunidade judaica nos dias de Jesus. Jesus disse aos líderes judeus que Abraão se alegrara em ver o seu dia (v. 56). Quando os

líderes perguntaram como Jesus teria visto a Abraão, ele respondeu: "Antes que Abraão existisse, EU SOU" (v. 58). Ele não disse: "Antes que Abrão existisse, eu era". Em vez disso, Jesus disse: "Eu sou". Ao fazer esta afirmação, ele reivindicou eternidade e divindade. Enquanto muitas pessoas ignoram isso em nossos dias, aquelas pessoas do século I compreenderam imediatamente. Elas se encheram de fúria contra Jesus, porque ele, um mero homem aos olhos delas, se fez igual a Deus.

O evangelho de João também registra a intrigante narrativa de uma aparição de Jesus após a ressurreição. Alguns de seus discípulos o viram quando Tomé estava ausente. Quando Tomé ouviu sobre isso, disse: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (Jo 20.25). Em meio a este ceticismo, Jesus apareceu a Tomé e lhe mostrou as mãos e o lado (v. 27). João não nos diz se Tomé tocou realmente as feridas de Jesus, mas diz que Tomé caiu de joelhos e clamou: "Senhor meu e Deus meu!" (v. 28). Isso é significativo. O livro de Atos nos informa que, em determinada ocasião, pessoas ficaram tão maravilhadas com uma cura miraculosa, que desejaram adorar Paulo e Barnabé, mas eles repreenderam as pessoas imediatamente (14.11-15). Em outras passagens da Escritura, o texto nos diz que pessoas, ao verem a manifestação de anjos, quiseram adorá-los, mas os anjos as impediram, dizendo que eles não deviam ser adorados, porque eram criaturas. Mas Jesus aceitou a adoração de Tomé sem censurá-lo. Ele reconheceu como válida a confissão de Tomé.

### A TRINDADE AFIRMADA COM CLAREZA

A referência mais clara quanto à deidade de Jesus no Novo Testamento está no início do evangelho de João, que diz: "No princípio era o Verbo [ou seja, o *Logos*], e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). Nessa primeira sentença, vemos o mistério da Trindade,

porque o evangelista diz que o *Logos* estava com Deus desde o princípio. Na língua grega, há termos diferentes que podem ser traduzidos pela palavra "com", mas a palavra que foi usada neste versículo sugere o relacionamento mais íntimo possível, um relacionamento face a face. No entanto, João faz uma distinção entre o *Logos* e Deus. Deus e o *Logos* estão juntos, mas não são o mesmo.

Depois, João declara que o *Logos* não somente estava *com* Deus; ele *era* Deus. Portanto, em um sentido, o Verbo tem de ser distinguido de Deus, e, noutro sentido, o Verbo tem de ser identificado com Deus.

O apóstolo prossegue e diz mais: "Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens" (vv. 2-4). Aqui, vemos eternidade, poder criativo e autoexistência atribuídos ao *Logos*, que é Jesus.

O Novo Testamento também afirma que o Espírito Santo é divino. Vemos isto, por exemplo, na fórmula trinitária que Jesus prescreveu para o batismo. Pelo mandamento de Cristo, pessoas devem ser batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). De modo semelhante, a bênção de conclusão da segunda carta de Paulo aos cristãos de Corinto diz: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós" (2 Co 13.13). Os apóstolos falaram do Pai, do Filho e do Espírito agindo em cooperação, para redimir um povo para si mesmos (2 Ts 2.13-14; 1 Pe 1.2).

Nestas e em muitas outras passagens do Novo Testamento, a deidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é apresentada explícita ou implicitamente. Quando consideradas em conjunto com o ensino bíblico claro sobre a unicidade de Deus, a única conclusão a que podemos chegar é que há um único Deus em três pessoas – a doutrina da Trindade.



Capítulo Três

# Controvérsias no Início da Igreja

Quando eu fazia meus estudos de doutorado, na Holanda, o professor G. C. Berkouwer fez uma longa série de palestras sobre a história da heresia. Foi um curso extremamente valioso, porque uma das melhores maneiras de aprendermos ortodoxia é por aprendermos o que é falso. De fato, a heresia forçou a igreja, durante a sua história, a ser exata, a definir suas doutrinas e a diferenciar a verdade do erro. Os primeiros anos da igreja produziram numerosas heresias com respeito ao ser Divino. E esses erros impulsionaram a igreja a refinar seu entendimento da Trindade.

Hoje, quase toda comunidade cristã no mundo afirma os artigos dos concílios ecumênicos históricos, dos quais os dois principais foram o Concílio de Niceia, no século IV, e o Concílio de Calcedônia, no século V. Devemos nos familiarizar com as controvérsias que provocaram esses concílios, porque elas estavam intimamente relacionadas com a natureza

das pessoas da Trindade. A questão predominante dizia respeito a como o conceito bíblico do monoteísmo se harmonizava com as afirmações bíblicas quanto à deidade especialmente de Cristo, mas também do Espírito Santo.

No capítulo anterior, examinamos o prólogo do evangelho de João, no qual o apóstolo falou do Verbo (o *Logos*), que estava no princípio, que estava com Deus e que era Deus. O conceito do *Logos* era uma das grandes preocupações da igreja cristã nos primeiros três séculos. Diversos líderes de igreja focalizaram o *Logos* como a segunda pessoa divina da Trindade. Esses estudiosos avançaram rapidamente em direção da doutrina da Trindade. Outros, porém, eram zelosos em defender a ideia da unicidade de Deus. Isso levou ao desenvolvimento de várias proposições teológicas que depois foram julgadas heréticas. Esses erros forçaram a igreja a definir de maneira oficial seu entendimento da Trindade.

## MODALISMO E ADOCIONISMO

Um dos primeiros movimentos heréticos que surgiu nos séculos III e IV foi o monarquismo. Poucas pessoas estão familiarizadas com este termo teológico, mas a palavra-raiz é muito familiar: monarca. Quando pensamos em um monarca, pensamos num governante de uma nação, um rei ou uma rainha. Se analisarmos a palavra monarca, descobriremos que ela consiste de um prefixo *mono*, que significa "um", unida com a palavra "*arch*", que vem do grego *arche*. Esta palavra podia significar "começo"; por exemplo, ela aparece no prólogo do evangelho de João, onde o apóstolo escreve: "No princípio era o Verbo". Mas também podia significar "chefe ou governante". Portanto, um monarca era um governante único, e uma monarquia era um sistema de governo realizado por uma só pessoa. O monarquismo era, então, uma tentativa de preservar a unidade de Deus ou monoteísmo.

A primeira grande heresia que a igreja teve de enfrentar, com respeito ao monarquismo, era chamada de "modalismo monárquico" ou, simplesmente, "modalismo". A ideia que estava por trás do modalismo era que todas as três pessoas da Trindade são a mesma pessoa, mas se comportam em modos singulares em tempos diferentes. Os modalistas sustentavam que Deus era inicialmente o Criador, depois se tornou o Redentor, depois se tornou o Espírito, no Pentecostes. A pessoa divina que veio a terra como o Jesus encarnado era a mesma pessoa que havia criado todas as coisas. Quando ele retornou ao céu, assumiu novamente o seu papel como o Pai, mas, depois, retornou à terra como o Espírito Santo. Como você pode ver, a ideia é que há um só Deus, mas ele age em modos diferentes, ou expressões diferentes, de tempos em tempos.

O principal proponente do modalismo foi um homem chamado Sabélio. De acordo com um escritor antigo, Sabélio ilustrava o modalismo por comparar Deus com o sol. Ele notou que o sol tinha três modos: sua forma no céu, sua luz e seu calor. Por analogia, Sabélio disse, Deus era vários modos: a forma corresponde ao Pai, a luz é o Filho, e o calor é o Espírito.

Uma segunda forma de monarquismo que apareceu era chamada de "monarquismo dinâmico" ou "adocionismo". Esta escola de pensamento era também comprometida em preservar o monoteísmo, mas seus adeptos queriam dar honra e importância central à pessoa de Cristo. Aqueles que propagaram este ponto de vista sustentavam que, no tempo da criação, a primeira coisa que Deus criou foi o *Logos*, depois do que o *Logos* criou todas as outras coisas. Por isso, o *Logos* é mais elevado do que os seres humanos e do que os anjos. Ele é anterior a tudo, exceto a Deus. Mas ele não é eterno, porque ele mesmo foi criado por Deus; portanto, ele não é igual a Deus.

De acordo com o adocionismo, no devido tempo o *Logos* se tornou encarnado na pessoa de Jesus. Em sua natureza humana, o *Logos* era um

com o Pai em termos de realizar a mesma missão e agir em direção aos mesmos objetivos. Ele foi obediente ao Pai, e, por causa de sua obediência, o Pai o "adotou". Por isso, é apropriado chamar o *Logos* de Filho de Deus. Entretanto, ele se tornou o Filho de Deus dinamicamente. Houve uma mudança. O *Logos* não foi sempre o Filho de Deus; e a sua filiação foi algo que ele ganhou pelo que fez.

Aqueles que defendiam este ponto de vista citavam afirmações bíblicas como "Este [Jesus] é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação" (Cl 1.15). Também argumentavam que as descrições do Novo Testamento sobre Cristo como "unigênito" possuem, em si mesmas, a implicação de que ele teve um começo no tempo, e alguma coisa que tem um começo no tempo é menos do que Deus, porque Deus não tem começo. Em resumo, eles acreditavam que o *Logos* é *como* Deus, mas não é Deus.

Estes pontos de vista causaram o primeiro dos concílios ecumênicos, o Concílio de Niceia, que se reuniu em 325 d.C. Este concílio produziu o Credo Niceno, o qual afirma que Cristo é "o Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os mundos" e que ele foi "gerado, não criado". Declara também que Cristo é "Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus... sendo de uma só substância com o Pai". Com estas afirmações, a igreja disse que os termos bíblicos como "primogênito" e "unigênito" tinham a ver com o lugar de honra de Cristo e não com a sua origem biológica. A igreja declarou que Cristo é da mesma substância, ser e essência do Pai. Assim, foi proposta a ideia de que Deus, embora seja três em pessoa, é um em essência.

### MONOFISISMO E NESTORIANISMO

O Concílio de Niceia representou um momento determinante para a igreja. No geral, ele pôs fim ao monarquianismo, mas dois erros novos a respeito da natureza de Cristo se desenvolveram rapidamente.

O primeiro erro foi ensinado por um homem chamado Eutiques. Ele foi o primeiro a formular a heresia monofisista, que , vez por outra, surge de novo em cada geração. O vocábulo *monofisista* consiste do prefixo *mono*, bem conhecido hoje, que significa "um" e de *fisista*, que vem da palavra grega *physis*, que significa "natureza". Portanto, a palavra *monofisista* significa, literalmente, "uma natureza".

Através dos tempos, a igreja tem dito que Deus é um em essência, ser ou natureza e três em pessoa. E tem dito o oposto em relação à pessoa de Cristo, que é uma pessoa com duas naturezas – uma humana e uma divina. Mas Eutiques negava esta verdade. A heresia monofisista ensinava que Jesus tinha apenas uma natureza. Eutiques entendia a Jesus, como tendo uma natureza "teantrópica". A palavra teantrópica vem da palavra grega *anthropos*, que significa "homem ou humanidade", e do prefixo *theos*, que significa "Deus". Portanto, *teantrópico* é um vocábulo híbrido que combina as palavras gregas que significam Deus e homem. Eutiques estava dizendo que em Cristo há apenas uma natureza – um natureza divinamente humana ou, expressando-o de modo contrário, uma natureza humanamente divina. Mas a opinião de Eutiques era evidentemente uma negação de que Cristo tinha duas naturezas, uma humana e outra divina. De fato, a heresia monofisista não vê a Cristo nem como Deus, nem como homem, e sim como um algo mais do que um homem e menos do que Deus. Ele representa um tipo de humanidade deificada ou uma deidade humanizada.

No entanto, a igreja teve não somente de lutar contra Eutiques e sua heresia monofisista, mas também de resistir à heresia gêmea do nestorianismo, designada segundo o nome de seu fundador, Nestório. Este dizia basicamente que uma pessoa não pode ter duas naturezas: se há duas naturezas, tem de haver duas pessoas. Portanto, se Cristo tinha uma natureza divina e uma natureza humana, ele era uma pessoa divina e uma pessoa humana coexistentes. Isto era o oposto da distorção monofisista.

Na heresia nestoriana, as duas naturezas de Cristo eram não somente distinguidas, eram totalmente separadas.

Uma das prerrogativas de um teólogo é fazer distinções; e isso é um dos principais interesses da teologia. Portanto, digo aos meus alunos: uma das distinções mais importantes que vocês devem aprender a fazer é a que existe entre distinção e separação. Dizemos que um ser humano é uma dualidade: ele tem uma dimensão física e uma dimensão não física, as quais a Bíblia descreve em termos de corpo e alma. Se eu distingo o corpo de uma pessoa de sua alma, não a prejudico, mas se separo seu corpo de sua alma, eu não somente a prejudico, eu a mato. Por não compreender a diferença entre distinguir e separar, Nestório destruiu essencialmente o Cristo bíblico.

Esta verdade é útil em muitos pontos da interpretação bíblica. Por exemplo, Jesus disse que havia coisas que ele não sabia. Teólogos interpretam essas afirmações como evidência de que a natureza humana de Jesus não é onisciente. É claro que sua natureza divina é onisciente. Portanto, quando Jesus falava que não sabia algo, estava manifestando as limitações de sua natureza humana. De modo semelhante, é claro que Jesus transpirou, sentiu fome e teve seu lado perfurado, mas não cremos que sua natureza divina transpirou, sentiu fome ou teve seu lado perfurado, porque a natureza divina do Senhor não tem um corpo. Essas coisas foram manifestações de sua humanidade. Jesus tem duas naturezas, uma natureza divina e uma natureza humana. E, às vezes, ele revelava seu lado humano, enquanto outras vezes revelava seu lado divino. Podemos distinguir as duas naturezas sem separá-las. Mas, quando a natureza humana transpira, ainda está unida à natureza divina, que não transpira.

Na história da igreja, alguns argumentaram que há uma "comunicação" dos atributos divinos à natureza humana. Isto, diziam eles, tornou possível o corpo de Cristo estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. A localização espacial sempre foi entendida como uma das limitações da humanidade; uma natureza humana não pode estar em três

lugares ao mesmo tempo. Entretanto, uma natureza humana pode estar unida com uma natureza divina, que *pode* estar em três lugares ao mesmo tempo. A natureza divina pode estar em Pittsburgh, Boston e Washington ao mesmo tempo. Mas, historicamente, a questão era se o corpo físico de Jesus, o que está relacionado à sua humanidade, poderia estar em três lugares ao mesmo tempo, e alguns diziam que ele poderia, porque sua natureza divina comunicava o atributo divino de onipresença à sua natureza humana. Ora, uma coisa é a natureza divina comunicar informação à natureza humana; mas outra coisa bem diferente é a natureza divina comunicar atributos à natureza humana, porque essa comunicação deificaria a natureza humana.

Esta verdade da separação das naturezas de Cristo foi muito importante na cruz. A natureza humana morreu, mas a natureza divina não morreu. É claro que, na morte, a natureza divina estava unida a um corpo humano. A unidade estava presente, mas a mudança que ocorreu foi no âmbito da natureza humana e não da natureza divina. É muito importante que entendamos isso.

## O CONCÍLIO DE CALCEDÔNIA

O Concílio de Calcedônia se reuniu em 451 d.C., para lidar com as heresias do monofisismo e do nestorianismo. Alguns eruditos têm argumentado que este foi o concílio final no que diz respeito à cristologia, significando que a igreja nunca mais foi capaz de ir além do entendimento da pessoa de Cristo que foi afirmado por este concílio. Concordo com isso. Teoricamente, é possível que outro concílio seja realizado no século XXI, no século XXII ou no século XXX, que nos dê uma nova percepção quanto à natureza de Cristo, uma percepção que não temos agora, mas não vejo nada na história da igreja que vá além ou aperfeiçoe os limites que foram estabelecidos para nossa reflexão no Concílio de Calcedônia.

O Concílio de Calcedônia produziu a seguinte afirmação, conhecida

como o Credo de Calcedônia:

> Portanto, seguindo os santos pais, todos nós, plenamente unânimes, ensinamos os homens a reconhecerem o único e o mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, completo em Divindade e completo em humanidade, verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, consistindo de uma alma racional e de um corpo; da mesma substância com o Pai, quanto à sua divindade, e ao mesmo tempo da mesma substância conosco, quanto à sua humanidade; como nós em todos os aspectos, mas sem pecado. No que concerne à sua divindade, gerado do Pai antes das eras, mas, quanto à sua humanidade, gerado da virgem Maria em benefício de nós, homens, e para a nossa salvação, o Deus-homem; um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, reconhecido em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A distinção das naturezas não é anulada, de modo algum, pela união, mas, em vez disso, as características de cada natureza são preservadas juntas para formar uma única pessoa e subsistência, não como divididas ou separadas em duas pessoas, e sim como um e o mesmo Filho e Unigênito Deus, a Palavra, o Senhor Jesus Cristo, como os profetas desde os tempos antigos falaram sobre ele, como o nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou e como o credo dos pais nos legou.

Este credo é importante por várias razões. Em primeiro lugar, ele afirma que Cristo é "verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem" (*vera Deus, vera homo*). Esta afirmação significa que Jesus Cristo, na unidade de suas duas naturezas, é tanto Deus quanto homem. Ele tem uma verdadeira natureza divina e uma verdadeira natureza humana.

Infelizmente, algumas pessoas que deveriam saber melhor dizem que Calcedônia afirmou que Jesus era *plenamente* Deus e *plenamente* homem. Isso é uma contradição. Se dizemos que a pessoa de Cristo é total e completamente divina, ele deve ter só uma natureza. Não podemos ter uma pessoa que é completamente divina *e* completamente humana, ao mesmo tempo e no mesmo relacionamento. Isso é uma ideia absurda.

Na realidade, Calcedônia afirmou que Jesus tem duas naturezas, uma das quais é divina. A sua natureza divina é plenamente divina; não é

semidivina, é completamente divina. A natureza divina de Cristo possui todos os atributos de deidade, não faltando nenhum deles. Ao mesmo tempo, a natureza humana de Cristo é plenamente humana em termos de humanidade criada. O pecado original é a única coisa que nós temos e a natureza humana de Jesus não tem. Ele é como nós em todos os aspectos, exceto no pecado. Ele é tão humano quanto Adão o era ao ser criado. Todas as forças e limitações da humanidade se acham na natureza humana de Jesus.

Em segundo, o Concílio de Calcedônia é conhecido, talvez mais notavelmente, pelas famosas "quatro negativas". Quando o concílio confessou que há uma unidade perfeita entre as naturezas divina e humana de Cristo, afirmou que elas estão unidas de tal modo que são "sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação". Em outras palavras, o concílio disse que não podemos misturar as duas naturezas de Cristo, o que era a heresia dos monofisistas. Nem podemos separá-las, o que era o erro dos nestorianos. Não, as duas naturezas de Jesus são perfeitamente unidas. Podemos distingui-las, mas não podemos misturá-las nem dividi-las. Não podemos pensar nas naturezas divina e humana nele, como se fossem confusas ou mudadas, de modo que acabássemos com uma natureza humana deificada ou uma natureza divina humanizada.

Como você pode ver, temos de ser muito criteriosos em distinguir confusão e separação, se queremos obter um entendimento mais correto da pessoa de Cristo. Creio que algumas das maiores mentes na história da igreja, incluindo dois dos meus teólogos favoritos, de todos os tempos, eram fundamentalmente monofisista em seu entendimento de Cristo; eles tinham, pelo menos, elementos monofisistas em seu pensamento. Estou falando de Tomás de Aquino e Martinho Lutero. Tenho amigos luteranos e sempre me refiro a eles como "meus amigos monofisistas". Eles se referem a mim como seu "amigo nestoriano", mas sempre digo: não, eu não separo as duas naturezas, eu as distingo.

Em terceiro, o Credo de Calcedônia afirma que a distinção das duas

naturezas de Jesus "não é anulada, de modo algum, pela união, mas, em vez disso, as características de cada natureza são preservadas juntas para formar uma única pessoa e subsistência". Em outras palavras, na encarnação, Deus não abandona qualquer de seus atributos, e a humanidade não abandona nenhum de seus atributos. Quando Jesus veio à terra, ele não deixou de lado sua natureza divina. Também ele não assumiu uma natureza humana que era menos do que totalmente humana. No meio da controvérsia, os homens de Deus que se reuniram em Calcedônia afirmaram estas coisas, e devemos ser eternamente gratos por isso.

Alguém já disse que houve quatro séculos em que o entendimento da igreja sobre a pessoa de Cristo foi mais atacado. Esses séculos foram os séculos IV e V, bem como os séculos XIX e XX. Se isto é verdadeiro, estamos vivendo no tempo das consequências imediatas de duzentos anos de ataques devastadores contra o entendimento ortodoxo da igreja sobre a pessoa de Cristo. Por essa razão, é muito importante que consideremos novamente todo o conceito da Trindade.



Capítulo Quatro

# Um em Essência, Três em Pessoa

A Epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, começa com palavras extasiantes sobre o Senhor Jesus Cristo e a sua importância na revelação de Deus. Lemos:

> Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles (1.1-4).

A cristologia que achamos no livro de Hebreus é sobremodo elevada; de fato, é uma das principais razões por que a igreja primitiva se inclinou a afirmar a deidade de Cristo. Em Hebreus, vemos Cristo descrito

novamente como o Filho de Deus e como o agente da criação, que apresenta uma revelação amplamente superior à revelação feita pelos profetas do Antigo Testamento.

No entanto, o autor de Hebreus também apresenta o conceito de que o Filho de Deus é "o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser". Isto é uma referência clara à deidade de Jesus, mas o autor também distingue o Filho de Deus e o Pai, no que concerne à ideia de pessoalidade. A pessoa do Pai é expressa na pessoa do Filho. Embora tanto o Pai quanto o Filho sejam divinos, o autor de Hebreus apresenta a ideia de uma distinção pessoal na Divindade.

### A PALAVRA PESSOA

O uso da palavra *pessoa* para distinguir um do outro, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pode ser problemático. A igreja primitiva usou a palavra *pessoa* de uma maneira diferente da que usamos hoje. Esse é um problema comum na linguagem – ela é dinâmica. Suas nuanças mudam de uma geração para a seguinte. No inglês elisabetano, se você chamasse uma moça de "cute", você a insultava, porque "cute" significava "cambeta", enquanto hoje a palavra significa algo muito diferente.

Tertuliano, um dos pais da igreja, que tinha formação tanto em teologia como em direito, introduziu o termo latino *persona,* numa tentativa de expressar a cristologia do *Logos* no início da era da igreja. No idioma latino, esta palavra era usada, primariamente, em relação a dois conceitos. Primeiramente, ela podia se referir às apresentações dramáticas feitas nos palcos daquela época. Às vezes, os atores tinham papéis múltiplos em uma peça. Sempre que o ator mudava seu papel durante a peça, ele tinha de colocar uma máscara diferente e assumir uma pessoa diferente.

No final dos anos 1950, houve uma peça na Broadway que se baseou no livro bíblico de Jó. Foi intitulada *J. B.* O ator Basil Rathbone, que ficou famoso por desempenhar o papel de Sherlock Holmes numa série de

filmes, fez tanto o papel de Deus como o de Satanás, na produção de *J. B.*, na Broadway. Tive a felicidade de sentar-me no centro da primeira fila, e Rathbone ficava a cerca de um metro e meio à minha frente. Durante a peça, ele tinha duas máscaras. E, quando desempenhava o papel de Deus, colocava uma máscara; quando desempenhava o papel de Satanás, colocava a outra.

Essa técnica de dramatização era um retorno ao uso de tais máscaras na antiguidade. O símbolo comum do teatro é duas máscaras, uma máscara de tristeza, que representa a tragédia, e uma máscara de alegria, que representa a comédia. Essas máscaras eram realmente usadas no palco pelos atores na antiguidade, para representarem seus papéis, assim como Rathbone as usou em *J. B.* Cada papel era uma *persona*, e, coletivamente, eles eram *personae*. Assim, a igreja primitiva chegou a entender a Deus como um ser com três *personae*: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

### A PALAVRA ESSÊNCIA

À medida que a igreja desenvolvia seu entendimento de Deus durante os primeiros cinco séculos, outros termos eram usados, incluindo *essência, existência* e *subsistência*. Para entendermos o significado destes conceitos, temos de retornar à maneira de pensar grega.

A esfera de conhecimento dos antigos filósofos era a metafísica, uma forma de física que vai além e acima do que percebemos no mundo. Os filósofos gregos procuravam a realidade última, aquela que não manifesta mudança. Eles procuravam a essência das coisas. E a chamavam *ousios*, que é o particípio presente do verbo "ser", no grego. Poderíamos traduzir *ousios* pela palavra *sendo*. O melhor sinônimo para a ideia grega de "sendo" talvez seja a palavra *essência*.

Os filósofos que viveram antes de Platão argumentaram sobre a natureza da realidade. Parmênides, que era considerado o filósofo pré-socrático mais brilhante, é famoso por sua afirmação: "O que é, é". Ele

queria dizer que, para que qualquer coisa seja real, ela tem de existir num estado de *ser*; tem de ter essência real. Se não tem, ela é apenas uma invenção de nossas imaginações.

A contraparte de Parmênides foi Heráclito. Alguns o chamam de pai do existencialismo moderno. Ele disse: "O que é, está mudando". Heráclito acreditava que todas as coisas estão num estado de fluxo. A única coisa que é permanente é a própria mudança. Ele disse: "Você não pode entrar no mesmo rio duas vezes". E queria dizer que, se você entra num rio e, depois, sai, quando você entrar de novo, o rio terá se movido para frente. Não é o mesmo rio em que você entrou pela primeira vez; passou por muitas pequenas mudanças. De fato, você não é a mesma pessoa, pois também mudou, por envelhecer alguns segundos. Assim, Heráclito disse que o que é mais básico para toda a realidade que percebemos neste mundo é que tudo está num processo de mudança. Em outras palavras, está num processo de *se tornar*.

Quando Platão surgiu no cenário, fez uma distinção importante entre ser e tornar-se. Ele disse que nada pode se tornar em alguma coisa, se, primeiramente, não participa, de algum modo, em ser. Se alguma coisa fosse puro "tornar-se", isso seria potencialmente apenas alguma coisa. Alguma coisa que é mero potencial seria nada. Platão disse que, para "tornar-se" ser significativo, tem de haver um "ser" anterior.

Ao discutir a diferença entre ser e tornar-se, Platão falou sobre a diferença entre essência (que é o elemento *ser* de algo, a sua substância) e existência (que é o elemento *tornar-se*).

### AS PALAVRAS EXISTÊNCIA E SUBSISTÊNCIA

A palavra existência é derivada do prefixo *ex*, que significa "fora de", e a raiz *sisto*, um verbo grego que significa "ficar". Portanto, "existir" significa literalmente "ficar fora de algo". Descreve uma posição ou uma postura. A ideia, eu acho, é que uma pessoa tem um pé em ser e o outro

pé em não ser. Assim, ele fica fora de ser, mas também fora de não ser. Ele está entre o puro ser e o nada. Esse é o âmbito de tornar-se ou de existência. Portanto, quando a igreja afirmou a doutrina da Trindade, ela não disse que Deus é um em essência e três em existência. A Igreja disse que ele é três em pessoa.

Certa vez, dei uma palestra em que neguei publicamente a existência de Deus. Eu disse: quero afirmar enfaticamente, hoje, que Deus não existe. De fato, se ele existisse, eu pararia de crer nele. Se alguma coisa já pareceu insensata, foi essa declaração. Mas eu queria apenas dizer que Deus não está em um estado de tornar-se. Ele está num estado de puro ser. Se ele estivesse num estado de existência, estaria mudando – pelo menos, de acordo com a maneira como este termo é usado na filosofia. Deus não seria imutável, não seria o Deus em quem nós cremos.

Quando Platão lidou com estes conceitos, havia basicamente três categorias: ser, tornar-se e não ser. Não ser é, evidentemente, um sinônimo de nada. O que é nada? Fazer esta pergunta é respondê-la. Se eu afirmo que nada é alguma coisa, estou atribuindo alguma coisa a nada. Estou dizendo que nada tem algum conteúdo, que nada tem ser. Mas, se ele tem ser, não é nada, é alguma coisa. Como você pode ver, um dos conceitos mais difíceis para tratar na filosofia é o conceito do puro nada. Tente pensar no puro nada – você não pode fazê-lo. O mais próximo que já cheguei de uma definição do nada foi quando meu filho estava no final do ensino fundamental. Ele chegava em casa, vindo da escola, e eu dizia: o que fez na escola hoje? Ele respondia: "Nada". Assim, eu começava a pensar que poderia ser capaz de definir nada como aquilo que meu filho fazia na escola cada dia. Mas, na realidade, é impossível fazer nada. Se você o está fazendo, está fazendo alguma coisa.

A palavra *pessoa* é equivalente ao termo *subsistência*. Nesta palavra, temos o prefixo *sub,* unido à mesma palavra-raiz *sisto*. Portanto, *subsistência* significa literalmente "ficar sob". Assim, esta palavra expressa a ideia de que, embora Deus seja um em essência, há três subsistências, três pessoas,

que ficam sob a essência. Elas são parte da essência. Todas as três têm a essência da divindade.

No entanto, podemos fazer uma distinção entre as três pessoas da Trindade, porque cada membro da Divindade possui atributos singulares. Dizemos que o Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus, mas não dizemos que o Pai é o Filho, que o Filho é o Espírito Santo ou que o Espírito Santo é o Pai. Há distinções entre eles, mas as distinções não são essenciais, não são de essência. São distinções reais, mas não perturbam a essência da deidade. As distinções que existem dentro da Divindade são subdistinções dentro da essência de Deus. Ele é uma essência, três subsistências. Isso é quase o mais próximo a que podemos chegar, para articular a doutrina histórica da Trindade.



Capítulo Cinco

# Objeções à doutrina

Talvez a objeção mais frequente à doutrina da Trindade é que ela é irracional, porque envolve uma contradição. Como observei no capítulo 1, chamar a Trindade de contradição é uma aplicação errada da lei de não contradição. A doutrina da Trindade ensina que Deus é um em essência e três em pessoa. Portanto, em um sentido, Deus é um, e, noutro sentido, ele é três. E isso não viola as categorias de pensamento racional ou a lei da não contradição. Entretanto, pessoas continuam alegando que a Trindade é irracional. Por que pessoas fazem, tão persistentemente, esta acusação?

Há três ideias distintas que precisamos entender e diferençar: o paradoxo, a contradição e o mistério. Embora estes conceitos sejam diferentes, são intimamente relacionados. Por essa razão, são frequentemente confundidos.

Comecemos com o conceito de paradoxo. O prefixo *para* significa "ao

lado de". A palavra-raiz vem do verbo grego *dokeo*, que significa "parecer, pensar ou aparecer". Então, um paradoxo é algo que parece contraditório quando nos deparamos com ele pela primeira vez; todavia, com escrutínio posterior, a tensão é resolvida. A Bíblia tem muitas afirmações paradoxais. Por exemplo, Jesus disse: "O maior dentre vós será vosso servo" (Mt 23.11). À primeira vista, isso parece contraditório, mas, em uma análise mais atenta, vemos que Jesus está dizendo que, para ser grande em um sentido, você tem de ser um servo em outro sentido; portanto, aqui não há violação das regras de lógica.

A tensão real acontece quando nos deparamos com mistérios e contradições. Usamos a palavra *mistério* para nos referirmos a coisas que ainda não entendemos. Podemos acreditar que um mistério é verdadeiro, mas não entendemos por que ele é verdadeiro. Por exemplo, sabemos que a gravidade existe, mas a essência da gravidade permanece um mistério para nós. Mesmo algo tão básico como movimento, que notamos e usamos todos os dias, desafia a análise perspicaz. Quando o examinamos filosoficamente, temos de dizer que há um elemento misterioso no movimento, e o mesmo é verdadeiro quanto a muitas outras coisas que experimentamos em nossa vida diária.

## MISTÉRIOS ESCLARECIDOS

Às vezes, quando obtemos novas informações, coisas que antes nos pareciam misteriosas são esclarecidas. Temos visto progresso real de conhecimento na história da ciência e outras disciplinas. Mas, ainda que aumentemos nosso conhecimento ao ponto máximo da experiência humana, sempre permaneceremos criaturas finitas que não terão a capacidade de compreender toda a realidade.

Há muitas verdades que Deus nos revela sobre si mesmo, que estão além de nossa capacidade de entender. Devido à diferença entre o caráter exaltado de Deus e a nossa condição como seres criados, esta dificuldade

não deveria surpreender-nos. Podemos chegar a maior compreensão de muitas destas verdades misteriosas em algum momento futuro, na história de redenção. No entanto, mesmo naquele tempo, talvez nunca compreendamos totalmente algumas verdades. Isto é muito diferente de uma contradição. Mas, igualmente, ninguém entende uma contradição. É esta semelhança que leva à ideia de que a Trindade é uma contradição. Podemos nos apressar ao julgamento e dizer: "Se não entendemos algo, isso tem de ser irracional, tem de ser uma contradição". Todavia, isso não é necessariamente verdadeiro. É verdade que contradições não podem ser entendidas porque são inerentemente ininteligíveis, mas nem tudo que parece ser uma contradição é uma contradição. Algumas aparentes contradições são mistérios.

Nos meus dias de seminário, ouvi um professor dizer, com testa enrugada e voz serena: "Deus é totalmente imutável em sua essência e totalmente mutável em sua essência". Houve um suspiro coletivo nos alunos, como se estivessem pensando: "Isso é profundo". Eu queria dizer: não, isso é insano, isso é loucura. Mas, se você tem muita instrução e uma posição de autoridade no mundo acadêmico, pode fazer afirmações sem sentido, e as pessoas ficarão impressionadas por quão profundo você parece ser. É ilógico dizer que Deus é totalmente imutável e totalmente mutável ao mesmo tempo e no mesmo relacionamento. Nem mesmo alguém que possuísse todas as graduações no mundo poderia dar sentido a essa afirmação. Essa afirmação é uma verdadeira contradição.

### DEUS PODE ENTENDER CONTRADIÇÕES?

Algumas pessoas dizem realmente que a diferença entre Deus e o homem é que, enquanto a nossa mente é limitada pelas leis da lógica, a mente de Deus transcende as leis da lógica. Por isso, ele pode entender algo como A e não-A ao mesmo tempo, no mesmo relacionamento. Suponho que tais pessoas acreditam que estão exaltando a Deus por

dizerem que ele é tão maravilhoso em sua inteligência e tão transcendente em sua sabedoria, que é capaz de entender contradições. Na verdade, aqueles que dizem esse tipo de coisa zombam de Deus, porque estão dizendo que absurdo e caos residem na mente de Deus, o que não é verdade.

É verdade que há coisas que não entendemos, coisas que são misteriosas para nós, mas que Deus pode entender prontamente com sua perspectiva e sua onisciência. Para Deus não há mistérios. Ele entende a gravidade, o movimento, a realidade última e o ser. De modo semelhante, não há contradições para Deus, porque seu entendimento é perfeitamente coerente.

O fato de que Cristo tem duas naturezas é, certamente, um mistério. Não podemos compreender como uma pessoa pode ter uma natureza divina e uma natureza humana. Não temos nenhum ponto de referência para isso, em nossa experiência humana. Toda pessoa que já conhecemos possui apenas uma natureza. Quando afirmamos as duas naturezas de Cristo, estamos afirmando algo que é exclusivo dele, algo que difere da experiência normal da humanidade. É difícil até descrever. Como vimos no capítulo 3, o Concílio de Calcedônia declarou que as naturezas divina e humana em Cristo são "sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação". Mas essas afirmações estão apenas dizendo como as duas naturezas em Cristo *não* se relacionam. Não podemos realmente dizer como estas duas naturezas funcionam juntas.

De modo semelhante, quando tratamos da doutrina da Trindade, dizemos, baseados na revelação das Escrituras, que há um sentido em que Deus é um, e outro sentido em que ele é três. Temos de ser cuidadosos para ressaltar que esses dois sentidos não são o mesmo. Se fossem, estaríamos expondo uma contradição indigna de nossa fé. Mas eles são diferentes, e, por isso, a doutrina da Trindade não é uma contradição, e sim um mistério, porque não podemos entender totalmente como Deus, que é um só, pode existir em três pessoas.

## O USO DA PALAVRA TRINDADE

Outra objeção levantada, frequentemente, contra a doutrina da Trindade é que a Bíblia – e, especificamente, o Novo Testamento – nunca usa a palavra *Trindade*. É uma palavra de fora da Bíblia. Às vezes, diz-se que é uma palavra imposta ao texto da Escritura e, por isso, envolve uma intrusão na mente hebraica das Escrituras, uma intrusão vinda de fora da estrutura bíblica. Diz-se que representa uma invasão de categorias gregas abstratas no cristianismo do Novo Testamento. Ouvimos esses tipos de comentários em todo o tempo, como se o Espírito Santo não pudesse usar a língua grega como um meio de comunicar a verdade – e sabemos que isto não é verdadeiro, porque a maior parte do Novo Testamento foi escrita na língua grega. Teólogos e filósofos têm, às vezes, mais problema com o grego do que Deus tem.

No entanto, a pergunta que temos de fazer é esta: o conceito que é representado pela palavra *Trindade* aparece na Bíblia? Tudo que a palavra *Trindade* faz é expressar, linguisticamente, o ensino bíblico sobre a unidade e a tripersonalidade de Deus. Vendo estes conceitos na Escritura, procuramos uma palavra que os comunique com exatidão. Ocorre-nos a ideia de "triunidade", três em uma unidade, e, por isso, foi cunhado o termo *Trindade*. É ingênuo argumentar que esta palavra não se acha na Escritura, se o conceito se acha na Escritura e é ensinado pela Escritura.

Termos teológicos como *Trindade* surgiram na história da igreja, principalmente, por causa do compromisso da igreja com a precisão teológica. Em suas *Institutas da Religião Cristã*, João Calvino fez a observação de que palavras como *Trindade* surgiram por causa do que ele descreveu como "serpentes deslizantes" que tentam distorcer o ensino das Escrituras por heresia.[1] O embuste favorito dos hereges é o que chamamos de ambiguidade deliberada – aqueles meios de comunicação pelos quais conceitos são deixados intencionalmente ambíguos. Precisão

teológica é necessária para combater essa tática.

A Reforma Protestante do século XVI foi um contraste entre a ambiguidade deliberada e a precisão teológica. A questão fundamental da Reforma se preocupou com as bases de nossa justificação. A nossa justificação está baseada numa justiça inerente a nós ou numa justiça que é imputada a nós? Ou seja, a nossa justiça procede de dentro de nós ou de Cristo? A controvérsia se resume numa palavra: *imputação*. Os reformadores se opuseram ao ensino da Igreja Católica Romana, dizendo que a única maneira pela qual uma pessoa pode ser justificada é ter a justiça de Jesus Cristo imputada, ou transferida, para a sua conta.

Tentando resolver a disputa, muitas pessoas sugeriram que os dois lados deveriam apenas dizer: "Nós somos justificados por Cristo". Elas diziam que, se os católicos romanos e os protestantes concordam em que as pessoas são justificadas por Cristo, todos deveriam dar as mãos, cantar hinos, orar juntos e permanecer juntos. Essa afirmação era tão ambígua que, tanto pessoas que creem que somos justificados pela infusão da justiça de Jesus, quanto pessoas que creem que somos justificados pela imputação da justiça de Jesus, poderiam concordar com ela. No entanto, estes dois pontos de vista sobre a justificação são tão distantes um do outro quanto o Oriente é distante do Ocidente. A ideia era que a controvérsia poderia ser evitada e a divisão sanada pelo uso de uma fórmula que era intencionalmente ambígua, uma afirmação que poderia ser interpretada de maneiras muito diferentes. Por isso, os protestantes insistiram no termo *imputação*, mesmo ao custo de divisão.

## UM VALIOSO CHIBOLETE

De maneira semelhante, a igreja tem usado a palavra *Trindade* para fechar a boca dos hereges, aqueles que ensinam triteísmo (a ideia de que há três deuses) e aqueles que negam as tripersonalidade de Deus, por insistirem em algum ponto de vista de unitarianismo. Podemos dizer que a

palavra Trindade é um "chibolete". O livro de Juízes nos fala sobre o conflito entre os homens de Gileade, liderados por Jefté, e os homens de Efraim. Para identificar os seus inimigos, os soldados de Gileade exigiam que estrangeiros dissessem "Chibolete". Os efraimitas não conseguiam pronunciar essa palavra, e essa incapacidade os revelava (Jz 12.5-6). Essa senha se tornou uma forma de teste pelo qual a verdadeira identidade de alguém podia ser determinada.

Na Holanda, durante o período da ocupação alemã, na Segunda Guerra Mundial, as pessoas também tinham um *chibolete*. Havia uma cidade litorânea, na costa da Holanda, chamada Scheveningen. Os alemães não conseguiam pronunciá-la corretamente. Eles podiam falar holandês e passar por holandeses, na maioria das circunstâncias. Mas, se lhe pediam que falassem a palavra *Scheveningen*, eles tropeçavam. A palavra se tornou um *chibolete* que ajudou os holandeses a identificar os espiões.

A igreja não deveria hesitar em usar certas palavras como *chiboletes* para forçar as pessoas a revelarem sua posição quanto a vários assuntos. J. I. Packer identificou um desses *chiboletes*: *inerrância*. Se você quer descobrir qual a posição de alguém quanto à Escritura Sagrada, não deve perguntar-lhe se ele crê na inspiração das Escrituras. Deve perguntar-lhe: "Você crê na inerrância da Escritura?", porque muitas pessoas se incomodarão com esta palavra, em vez de afirmá-la.

*Trindade* é uma palavra perfeitamente boa, que afirma com precisão aquilo que a igreja tem crido e confessado no decorrer da história. Não devemos hesitar em usá-la, bem como outras palavras semelhantes que estabelecem o padrão da verdade tão acuradamente quanto possível.

---

1. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, ed. John T. McNeill, trans. Ford Lewis Battles, Library of Christian Classics, Vols. XX-XXI (Philadelphia: Westminster John Knox, 1960), 1.13.4.

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

**www.editorafiel.com.br**

e faça parte da comunidade Fiel